

TROCAS MIÚDAS, EXPERIÊNCIAS ALAGOANAS

Maria Angélica da Silva¹, Louise Maria Martins Cerqueira² e Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro³

Alagoas é uma terra salpicada por pequenas povoações urbanas. Da franja litorânea, vem o epíteto da capital, paraíso das águas. Essas adentram o interior, em inúmeros riachos e lagoas, até tocar o sertão. Nele, outro limite de águas: o rio São Francisco. Assim, duas vocações se estabeleceram com os pés cravados no rural: plantações de cana-de-açúcar e criações de gado.

O gesto de tornar-se urbano aconteceu devagar. Hoje, dos seus 102 municípios, 62 têm menos de 20.000 habitantes (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2021). Neles, ainda se encontra a fisionomia das coloridas casas geminadas, pequenas praças e comércios, onde costuma ser fácil conversar. As pessoas que abrem as portas de suas casas, narram fatos de suas vidas, dentro de antigos modelos dos quais Walter Benjamin (1987) um dia anunciou a despedida falando sobre o ocaso da figura do narrador.

Trazemos o fruto de uma longa itinerância. Buscando levantar referências do denominado patrimônio imaterial no estado, em projeto realizado entre 2015 e 2016, demandado pelo IPHAN (2016), visitamos dezenas destes municípios. Não raro, identificávamos que, quanto menor o lugar, mais ancorado em certas práticas ele estava.

Foi possível acessar locais onde a feira se sobrepõe ao comércio sedentarizado. Por vezes, farta, longa. Noutras, meia dúzia de barracas. Mas ali as normas estão distantes; o boi, o cavalo, o porco, se misturam na cena urbana; as crianças se movimentam entre brincadeira e trabalho. As práticas se valem ainda de forte vínculo religioso, inconfundível na paisagem, mas também fracionado em outros inúmeros lugares, alguns quase domésticos.

A violência habita perto. Enquanto o calendário de pequenas festas anima comunidades, a escassez tem seu lugar na mesa. Então, nosso panorama visual realiza a incursão também por Maceió. Pois na difícil situação de ser pequeno, a atmosfera da cidade do interior se entranha na capital a partir do movimento migratório de milhares de famílias que aportam na cidade grande. Nas palavras de Deleuze e Guattari (2012, p. 45), “jamais nos desterritorializamos sozinhos”. Portanto, no jogo entre mão e objeto, paisagem e rosto, os errantes da pequena cidade inscrevem, na maior, uma expressão de territorialidade diversa da que veio, mas também diferente da que encontra. Paisagens se refazem, sob outros qualificativos.

1 Professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Alagoas), bolsista CNPQ - Produtividade de pesquisa 2. Doutorado em História (Universidade Federal Fluminense), mestrado em História Social da Cultura (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Minas Gerais).

2 Doutorado pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Alagoas), Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Alagoas), graduação em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Alagoas).

3 Mestranda em Dinâmicas do Espaço Habitado pela Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Alagoas), Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Alagoas).

Nesta proposta, as vocações comerciais são ressaltadas, pois expressam bem as ligações entre as diversas capturas e experiências do menor. Seguem também em inúmeras linhas de fuga, indecisas, titubeantes, a partir da ação dos ambulantes que injetam na cidade oficial mercadorias, corpos, barulhos, ofertas. Suas materializações estimulam os cinco sentidos, um outro ritmo também se instala... Os homens lentos, dos quais fala Milton Santos (2008), deparam-se e respondem à velocidade da metrópole.

Ao interseccionar regiões periféricas e centralidades, desconhecem fronteiras. Para além de si mesmos, lugares trazidos pelo habitar pequeno movem-se dentro do que se insiste em chamar urbano, em um mosaico variado e sob diferentes escalas. Entre confluências e incompletudes, põem sob judice os códigos do que é ser cidade no singular.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol. 1. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Editora Brasiliense, 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2012.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial de Alagoas: Relatório Final Sítio 2*. Acervo DIVTEC IPHAN-AL, 2016.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. *Municípios alagoanos*. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/municipios/municipios-alagoanos-1>> Acesso em: 29 mai. 2021.











